Guerra Junqueiro

na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa

5.º ANNO — Lisboa, Segunda feira, 21 de novembro de 1910 — NUMERO 1772

BRITO CAMACHO, Director

Editor — JOÃO DE MENEZES

PROPRIEDADE DA Empresa de Propaganda Democratica.
Redacção, administração e typographia — R. Anchieta, 3, 5.º
Officina de imprensa — Rua da Atalaya, N.º 134
(PROPRIEDADE DA EMPRESA)
Toda a correspondencia relativa á redacção deve ser dirigida ao Director
Não se devolvem originaes embora não publicados
Endereço telegraphico: ACTUL — Lisboa

A. FERREIRA, Administrador

Preços de assignatura
PAGAMENTO ADEANTADO
Lisboa—1 mez, 200 réis; 3 mezes, 600 rs.; 6 mezes, 1$200 r; 1 anno, 2$400. Provincias, Ilhas, ultramar e Hespanha, 3 mezes 700 réis; 6 mezes, 1$400 rs.; 1 anno, 3$000 rs. Paizes da Uni. 3 mezes, 1$800 rs.; 6 mezes, 3$600 rs. 1 anno, 7$200 rs. Brz. 1 anno, 8$000 rs.—Numero avulso, 10 reis.
Annuncios: 20 réis a linha. Reclames e communicados: na 2.ª pagina, 300 réis a linha; na 3.ª pagina, 100 réis.
NUMERO TELEPHONICO 1-422

A LUCTA

GUERRA JUNQUEIRO

A NOSSA BANDEIRA

Nos estandartes nacionaes ha dois elementos d'expressão: côres e emblemas.

As côres exercem em nós acções distinctas, de natureza diferente. A primeira é acção biologica, ou antes bio-chimica. Tal côr na ordem biologica, agrada-nos ou desagrada-nos, porque nos excita, nos apazigua ou nos deprime. A segunda acção é espiritual, derivada da biologica, e que por esse motivo lhe corresponde. O meio luminoso mais grato aos nossos olhos é o mais favoravel tambem á nossa ideação. Mas a vida psichica, herdando da vida biologica a influencia das côres, enriquece-a com elementos novos de natureza mais alta, e por sua vez actua imperiosamente na vida inferior, de que nasceu e a que está ligada. Quando um sentimento profundo nos domina, abatendo-nos ou exaltando-nos, o espirito impõe aos nossos olhos a preferencia exclusiva de certas côres. Um homem, a quem, no estado normal, o negro e o vermelho repugnam, desejará sómente a escuridão completa ou o vermelho em braza, quando absorvido n'uma dôr sem esperança ou n'um enthusiasmo sem limites.

Todo o sentimento, devorador e unico, polarisa e crystalisa em si as nossas forças e vontades. E'mono-ideico. E a sua representação chromatica, tambem dominadora e singular, enche a retina, como o estado d'alma que a gerou. N'alguns d'esses casos é tão soberana a influencia mental, que provoca nos olhos a sensação de côres que não existem. Costuma dizer-se, e bem, que um homem furioso, perdido de raiva e de colera, vê tudo vermelho deante de si.

Mas esse mono-ideismo duradoiro, essa unidade psichica tão fórte e persistente raras vezes se encontram na vida humana habitual. No organismo do homem ha uma complexidade extraordinaria, fisica, chimica, biologica e psicologica. Ninguem é identico a si mesmo em dois instantes sucessivos. E, apesar da continua diferenciação e fluctuação, existe em cada homem, no estado ordinario, uma série de qualidades proprias, que determinam o seu temperamento e o seu caracter. A cada temperamento ou caracter corresponde, na ordem visual, a preferencia harmonica de certas côres. E os povos, embora constituidos por muitos milhões d'homens de natureza diversa, possuem como elles, um caracter, um temperamento de raça e de historia, que

Guerra Junqueiro

não nos excita, nos apazigua ou nos deprime. A segunda acção é espiritual, derivada da biologica, e que por esse motivo lhe corresponde. O meio luminoso mais grato aos nossos olhos é o mais favoravel tambem á nossa ideação. Mas a vida psichica, herdando da vida biologica a influencia das côres, enriquece-a com elementos novos de natureza mais alta, e por sua vez actua imperiosamente na vida inferior, de que nasceu e a que está ligada. Quando um sentimento profundo nos domina, abatendo-nos ou exaltando-nos, o espirito impõe aos nossos olhos a preferencia exclusiva de certas côres. Um homem, a quem, no estado normal, o negro e o vermelho repugnam, desejará sómente a escuridão completa ou o vermelho em braza, quando absorvido n'uma dôr sem esperança ou n'um enthusiasmo sem limites.

Todo o sentimento, devorador e unico, polarisa e crystalisa em si as nossas forças e vontades. E'mono-ideico. E a sua representação chromatica, tambem dominadora e singular, enche a retina, como o estado d'alma que a gerou. N'alguns d'esses casos é tão soberana a influencia mental, que provoca nos olhos a sensação de côres que não existem. Costuma dizer-se, e bem, que um homem furioso, perdido de raiva e de colera, vê tudo vermelho deante de si.

Mas esse mono-ideismo duradoiro, essa unidade psichica tão fórte e persistente raras vezes se encontram na vida humana habitual. No organismo do homem ha uma complexidade extraordinaria, fisica, chimica, biologica e psicologica. Ninguem é identico a si mesmo em dois instantes sucessivos. E, apesar da continua diferenciação e fluctuação, existe em cada homem, no estado ordinario, uma série de qualidades proprias, que determinam o seu temperamento e o seu caracter. A cada temperamento ou caracter corresponde, na ordem visual, a preferencia harmonica de certas côres. E os povos, embora constituidos por muitos milhões d'homens de natureza diversa, possuem como elles, um caracter, um temperamento de raça e de historia, que

1

BRASIL — PORTUGAL 331

A nossa bandeira

O grande poeta Guerra Junqueiro, que tão patrioticamente tem pugnado pela conservação da bandeira azul e branca, publicou ha dias no nosso collega «A Lucta», com o titulo que encima esta pagina, o seguinte artigo que com a devida venia vamos transcrever:

Nos estandartes nacionaes ha dois elementos d'expressão: côres e emblemas.

As côres exercem em nós acções distinctas, de natureza diferente. A primeira é acção biologica, ou antes bio-chimica. Tal côr na ordem biologica, agrada-nos ou desagrada-nos, porque nos excita, nos apazigua ou nos deprime. A segunda acção é espiritual, derivada da biologica, e que por esse motivo lhe corresponde. O meio luminoso mais grato aos nossos olhos é o mais favoravel tambem á nossa ideação. Mas a vida psichica, herdando da vida biologica a influencia das côres, enriquece-a com elementos novos de natureza mais alta, e por sua vez actua imperiosamente na vida inferior, de que nasceu e a que está ligada. Quando um sentimento profundo nos domina, abatendo-nos ou exaltando-nos, o espirito impõe aos nossos olhos a preferencia exclusiva de certas côres. Um homem, a quem, no estado normal, o negro e o vermelho repugnam, desejará sómente a escuridão completa ou o vermelho em braza, quando absorvido n'uma dôr sem esperança ou n'um enthusiasmo sem limites.

Todo o sentimento, devorador e unico, polarisa e crystalisa em si as nossas forças e vontades. E' mono-ideico. E a sua representação chromatica, tambem dominadora e singular, enche a retina, como o estado d'alma que a gerou. N'alguns d'esses casos é tão soberana a influencia mental, que provoca nos olhos a sensação de côres que não existem. Costuma dizer-se, e bem, que um homem furioso, perdido de raiva e de colera, vê tudo vermelho deante de si.

Mas esse mono-ideismo duradoiro, essa unidade psichica tão fórte e persistente raras vezes se encontram na vida humana habitual. No organismo do homem ha uma complexidade extraordinaria, physica, chimica, biologica e psicologica. Ninguem é identico a si mesmo em dois instantes successivos. E, apesar da continua diferenciação e fluctuação, existe em cada homem, no estado ordinario, uma série de qualidades proprias, que determinam o seu temperamento e o seu

Guerra Junqueiro

2

JUNQUEIRO, HOMEM DE CAUSAS
A BANDEIRA NACIONAL (1)

O patriotismo de Junqueiro exulta após a Implantação da República em Portugal, impelindo-o a apresentar o seu projeto de Bandeira, em resposta ao concurso nacional lançado pelo Governo em 1910.

Milhares de pessoas deslocam-se à Sociedade de Geografia de Lisboa para ver a Bandeira de Junqueiro. Num artigo do jornal *A Lucta*, o autor descreve e fundamenta o seu projeto:

"O campo azul e branco permanece indelevel. É o firmamento, o mar, o luar, (...).

Os castellos continuam de pé. inabalaveis, d'oiro de gloria n'um fundo de sangue ardente e generoso. (...) Não hostilisam, guardam. Não acometem, defendem-nos.

A cruz do calvario, a das cinco chagas, essa não morre, é o abraço divino, é o abraço imortal.

A corôa do rei, corôa de vergonhas, já o não envilece e o não deslustra. No brasão dos sete castellos e das quinas ergue-se de novo, como vaso de luz, a esfera armilar da nossa gloria. Religiosamente lembrará o passado, magnificamente annunciará o porvir."

1."Guerra Junqueiro : a nossa bandeira"
A Lucta
21 Nov. 1910, p. 1

2. "A nossa bandeira"
Brasil-Portugal
N.º 285, 1 Dez. 1910, p. 331-334

LISBOA
BLX HEMEROTECA MUNICIPAL DE LISBOA